

# O percurso histórico da acentuação em português através da análise do ritmo das cantigas de amigo\*

Gladis Massini-Cagliari  
UNESP - Araraquara

## Abstract

This work aims to outline the historical route of Portuguese stress, through the analysis of three crucial points in the language temporal *continuum*: LATIN, ARCHAIC PORTUGUESE, and BRAZILIAN PORTUGUESE. The emphasis is given to the description of the Archaic Portuguese stress attribution process, and the corpus is constituted by all the “cantigas de amigo” of the *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*, composed between the end of the XIIIth century and the beginning of the XIVth century. The theoretical framework adopted here comes from the conceptions of parametric change – following Lightfoot (1991) – and of nonlinear phonology – specially Hayes’ (1991) metrical theory and Mohanan’s (1986) lexical theory. The analysis shows that all these three periods of the language adopt the same rhythmic basic foot (the *moraic trochee*) – and the same choice referring to the setting of all other rhythmic parameters value. The only exception is the value of the extrametrical constituent parameter. We conclude that there is no change in the stress rule from Latin to Brazilian Portuguese. The changes verified in the extrametrical constituent parameter value setting are, in fact, consequence of a major linguistic change, not in the formulation of the stress rule itself, but in the module of its application (from postlexical to lexical component), in the Grammar, and in its domain of application.

O objetivo deste artigo é traçar o percurso da acentuação portuguesa, através da análise de três pontos cruciais do contínuo temporal da língua: um primeiro ponto, que pode ser chamado de “inicial”, em se tratando da formação da Língua Portuguesa, correspondente ao LATIM; um segundo, intermediário entre os pontos inicial e final, o PORTUGUÊS ARCAICO; e um terceiro ponto, que pode ser chamado de “final” porque corresponde ao estágio atual de um dos dialetos da língua, o PORTUGUÊS BRASILEIRO.

A ênfase é dada à descrição do processo de atribuição de acento no Português Arcaico, em virtude do ineditismo de estudos lingüísticos a respeito da prosódia do português daquela época e do fato de ser aquele um ponto estratégico no estabelecimento do percurso do acento em português, pois, além de ser o momento em que o que, antes, era considerado “latim” passa a ser identificado como “português”, é o primeiro momento da língua cuja prosódia é passível de ser estudada (trata-se da época em que os primeiros textos poéticos em português foram escritos).

Foi escolhido como corpus o conjunto das “cantigas de amigo” contidas no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* (de agora em diante, CBN), compostas entre o final do século XII e o início do XIV. Como o sistema de escrita usado para registrar a língua portuguesa não possui notações especiais para fenômenos prosódicos como acento e ritmo, é imprescindível que os textos a serem considerados em um estudo destes fenômenos em um momento passado da língua (no qual não havia tecnologia suficiente para o arquivamento e transmissão de dados orais) sejam textos poéticos metrificados. Isto porque, neste caso específico, os textos poéticos

levam vantagem sobre os escritos em prosa por levarem em conta o número de sílabas e/ou a localização dos acentos em cada verso. Assim, da observação de como o poeta conta as sílabas (poéticas) e localiza os acentos em cada verso, podem ser inferidos os padrões acentuais e rítmicos da língua na qual os poemas foram compostos: da localização dos acentos poéticos, pode-se concluir a localização do acento nas palavras (ou seja, os padrões de acento lexical da língua) e, da concatenação desses acentos dentro dos limites de cada verso, os padrões rítmicos da língua em questão.<sup>1</sup>

O embasamento teórico deste trabalho provém da concepção de mudança lingüística – principalmente do conceito de *mudança paramétrica*, presente em Lightfoot (1979, 1981, 1982, 1987, 1988, 1989 e 1991 – especialmente os livros de 1979 e 1991), Adams (1987), Roberts (1993), Clark & Roberts (1992), Tarallo (1991), Ramos (1991, 1992) e Kato (1993, 1994) – e da concepção de fonologia não-linear. Dentro do modelo fonológico não-linear, o instrumental para a análise é fornecido principalmente pelas teorias *métrica* – iniciada por Liberman & Prince (1977) e desenvolvida, em várias direções, por Hayes (1985[1981], 1982, 1991), Prince (1983), Selkirk (1980, 1984), Halle & Vergnaud (1987), Kager (1989), Goldsmith (1990), Visch (1990) e Haraguchi (1991) – e *lexical*, de Kiparsky (1982), Mohanan (1986), Pulleyblank (1986), Durand (1990), Goldsmith (1990). Como instrumental privilegiado de análise, foi escolhido o modelo de Hayes (1991), uma teoria métrica paramétrica, na qual um sistema de regras é visto como um conjunto de escolhas dentre uma lista finita de opções. Estas escolhas efetuadas por cada língua é que vão constituir a estrutura métrica em constituintes hierarquizados da qual são o resultado os padrões acentuais.

A partir deste arcabouço teórico, pode-se desenvolver uma análise do acento nos três períodos focalizados. A principiar pelo ponto “inicial”, o *latim*, atenta-se para o fato, bastante conhecido da literatura, de que a regra de atribuição do acento às palavras baseia-se na quantidade silábica.

O latim clássico estabelece as seguintes distinções quantitativas (segundo Niedermann, 1953: 172-173; Grandgent, 1940: 11- nota de

rodapé; e Faria, 1970: 136-137): é breve toda sílaba aberta que possui, no núcleo, uma vogal breve; é longa toda sílaba que possui, no núcleo, uma vogal longa por natureza, um ditongo, ou uma vogal breve seguida de uma consoante. Baseada nesta distinção quantitativa, a regra de atribuição do acento às palavras, em latim, pode ser formulada da seguinte maneira: *se a penúltima sílaba é longa, o acento recai sobre ela; se é breve, o acento recai na antepenúltima* (Meillet, 1933: 129; Lindsay, 1937: 25; Grandgent, 1940: 11; Devoto, 1944: 109; Niedermann, 1953: 13-14; Silva Neto, 1956: 96; Montesinos Abellán s/d: 39; Nunes, 1973: 33; Faria, 1970: 134-135; Allen, 1973: 155 e 177-178 e Ilari, 1992: 74). Os dissílabos são necessariamente acentuados na primeira (ou penúltima) sílaba, independentemente da quantidade desta sílaba.

Esta regra de acento latina tem sido alvo de vários estudos dentro da perspectiva métrica – entre eles, Hayes (1985, 1991), Halle & Vergnaud (1987) e Nespor & Vogel (1986). Segundo Hayes (1991: 80), a regra de atribuição do acento, em latim, pode ser traduzida para a terminologia da fonologia métrica da seguinte maneira:

“Marking final syllables as extrametrical, form a moraic trochee scanning from right to left.”

Desenvolvendo-se a análise de Hayes (1991: 80-81), obtém-se a lista dos parâmetros do acento do latim, apresentada em (1):<sup>2</sup>

- (1) PÉ BÁSICO: troqueu moraic
1. Quantidade de sílabas por pé: binário
  2. Dominância: esquerda
  3. Sensibilidade à quantidade das sílabas: sim
  4. Direcionalidade: da direita para a esquerda
  5. Regra Final: à direita
  6. Extrametricidade:
    - a. constituinte: sílaba
    - b. borda: direita

7. Pés degenerados: proibição fraca (permitidos quando nenhum pé canônico puder ser construído)
8. Quantidade silábica: considera elementos da rima
9. Iteratividade: os pés são construídos não-iterativamente.

Estabelecidos os parâmetros do ritmo do latim, resta definir o domínio de aplicação da regra de acentuação daí resultante. Três são os argumentos que apontam para uma aplicação pós-lexical da regra de acentuação latina. O primeiro deles é a ausência de exceções apontadas à regra formulada acima. O segundo argumento envolve o comportamento da acentuação nas palavras compostas, análogo ao das simples e derivadas:<sup>3</sup>

(2)	( x )		( x )
	(x)		(x)
	a mí <cus>	<i>versus</i>	ma le sã <nus>

O terceiro argumento provém do comportamento da acentuação quando um clítico é adjungido à palavra. Havet (1935: 224) e Niedermann (1953: 14) acreditam que os enclíticos ocasionam a colocação do acento na sílaba final da palavra à qual se subordinam, mesmo quando esta seja breve e que haja, conseqüentemente, uma violação do princípio de atribuição do acento latino.<sup>4</sup> Esta posição é assumida pelos estudos em fonologia prosódica – Nespor & Vogel (1986: 146).<sup>5</sup>

Os três argumentos acima apontam para a consideração da atribuição de acento em latim como ocorrendo em um nível *pós-lexical*, cujo domínio extrapola a palavra. Para Nespor & Vogel (1986), o domínio da regra de acentuação do latim é a *palavra fonológica* ( $\omega$ ) e o domínio da regra que ajusta a posição do acento quando à palavra é adjungido um clítico é o *grupo clítico* (C) – dois domínios pós-lexicais, portanto.

O segundo ponto, no contínuo temporal da língua, cuja análise é crucial para que seja traçado o percurso da acentuação portuguesa, é o PORTUGUÊS ARCAICO. Como se pretende dar ênfase à análise deste entre os três períodos focalizados, sua apresentação será deixada por último. Portanto, contrariando a cronologia dos três períodos, será apresentada, a seguir, a análise que se fez do acento do português atual.

Em relação ao acento em Português Brasileiro (de agora em diante, PB), iniciou-se a análise a partir das observações contidas nos inúmeros trabalhos já realizados a este respeito: Mattoso Câmara Jr. (1970), Mateus (1982[1975], 1983), Leite (1974), Maia (1981), Costa (1978), Duarte (1977), Carvalho (1989), d'Andrade & Laks (1991), Alvarenga (1993), Bisol (1992a e b), Wetzels (1992) e Lee (1994). Quanto ao domínio da regra de atribuição do acento, em PB, os trabalhos acima citados dividem-se em dois blocos: os que consideram o *radical* como domínio da acentuação e os que consideram a *palavra*. Trabalhos como os de Lee (1994), d'Andrade & Laks (1991), Mateus (1983), Maia (1981) e Duarte (1977) formulam regras de acento cujo domínio é o radical (é acentuada a última vogal deste domínio). Todos os demais trabalhos, por sua vez, consideram a palavra. Neste caso, a decisão quanto ao domínio de aplicação da regra de acento é de crucial importância, pois dela depende a escolha quanto ao pé rítmico básico (ou seja, ao conjunto das escolhas paramétricas) da língua. Ao se considerar o *radical* como domínio da regra de acento do português, o fato de a proeminência principal localizar-se o mais à direita possível sugere um pé iâmbico (dominância à direita). Já, ao se considerar como domínio a *palavra*, a alternância sugerida é do tipo trocaico (dominância à esquerda).

(3)	( . x)		(x .)
	batat  <sub>radical</sub> + a	<i>versus</i>	batata

Como ambas as possibilidades são teoricamente possíveis, faz-se necessário pesar as duas opções para se fazer uma escolha.

Através da resenha da literatura citada, pode-se constatar que mesmo boas descrições do acento que consideram a proeminência à direita na constituição do pé básico do PB acabam, em algum momento (lexical ou pós-lexicalmente), considerando alternâncias trocaicas (o caso dos não-verbos marcados e dos verbos não-marcados em Lee, 1994, por exemplo, ou o caso da “onda rítmica”, em d’Andrade & Laks, 1991). Por outro lado, os trabalhos que apostam no troqueu como pé básico do PB nunca são obrigados a considerar alternâncias iâmbicas em qualquer contexto. Tal fato faz com que deva ser considerado o *troqueu* (no caso, *moraico*) como pé básico do PB – a exemplo do que fazem Bisol (1992a, b) e Wetzels (1992).

Outro ponto de desacordo entre os trabalhos resenhados é a consideração da quantidade silábica na construção dos pés. Por ter explorado as duas possibilidades, o trabalho de Bisol (1992b) aponta o caminho a seguir: uma análise que leva em consideração a quantidade das sílabas dá conta muito melhor dos fenômenos acentuais do português do que uma que não leva.

A partir destas observações, a lista das escolhas paramétricas quanto ao ritmo que se obtém em relação ao PB é a seguinte:

- (4) PÉ BÁSICO: troqueu moraico
1. Quantidade de sílabas por pé: binário
  2. Dominância: esquerda
  3. Sensibilidade à quantidade silábica: sim
  4. Direcionalidade: da direita para a esquerda
  5. Regra Final: à direita
  6. Extrametricidade:
    - a. constituintes: segmentos/sílabas
    - b. borda: direita
  7. Pés degenerados: proibição fraca (quando nenhum pé canônico puder ser construído)
  8. Quantidade silábica: elementos da rima.
  9. Iteratividade: os pés são construídos não-iterativamente.

A regra de acento obtida a partir das escolhas explicitadas em (4) dá conta da grande maioria de palavras do PB – que são acentuadas, levando-se em consideração a quantidade silábica (conforme exemplificado na coluna à esquerda, em (5)). Os casos excepcionais, exemplificados na coluna à direita em (5) (com exceção de 5e, em que todos os casos são excepcionais, ou seja, proparoxítonas), são todos resolvidos através da aplicação da noção de extrametricidade: da vogal final de paroxítonas terminadas em ditongo (5a), da nasal final de paroxítonas terminadas em -VN (5b), da consoante final de paroxítonas terminadas em sílaba travada (5c), das consoantes finais em paroxítonas terminadas em sílabas superpesadas (5d), da sílaba final de proparoxítonas (5e).

(5)	a.	( x ) ( x ) eu ro peu — U —	<i>versus</i>	( x ) ( x . ) pô ne<i> U U	RF
		( x ) ( x ) li mão U —	<i>versus</i>	( x ) ( x ) ór gã<o> — U	RF
	b.	( x ) ( x ) nin guém — —	<i>versus</i>	( x ) ( x . ) ho me<m> U U	RF
	c.	( x ) ( x ) to nel U —	<i>versus</i>	( x ) ( x . ) tú ne< > U U	RF

( x )		( x )	RF
(x)		(x .)	
po mar	<i>versus</i>	a çú ca<r>	
∪ —		∪ ∪ ∪	

d. ( x )		(x )	RF
(x)		(x)	
pi rɛks	<i>versus</i>	kɔr te<ks>	
∪ —		— ∪	

e. (x )	(x )	(x )	(x )	RF
(x .)	(x .)	(x .)	(x .)	
sí la <ba>	Jú pi <ter>	jú ni <or>	mé di <o>	
∪ ∪	∪ ∪	∪ ∪	∪ ∪	

Em relação aos verbos, os parâmetros que atribuem o acento às palavras são os mesmos que o atribuem a nomes e itens lexicais similares – só muda a regra de extrametricidade, que é especial para os verbos:

#### (6) Extrametricidade nos verbos

Marque como extramétrico:

- o morfema número-pessoal das formas de 1ª e 2ª pessoas do plural nos tempos Imperfeito do Indicativo e Subjuntivo e Mais-que-perfeito do Indicativo.
- a coda final que porte elemento com status de flexão, ou seja, {N, S}.

Em relação ao Português Arcaico (de agora em diante, PA), a partir da análise de todas as cantigas de amigo do CBN (escolhidas a partir da seleção de Nunes, 1973), pode-se constatar que elas se

subdividem em três tipos básicos: cantigas formadas apenas por versos agudos (isto é, terminados em palavras oxítonas), cantigas formadas apenas por versos graves (isto é, terminados em palavras paroxítonas) e cantigas em que versos graves alternam com agudos. Ao grupo de cantigas formadas apenas por versos agudos denominou-se “caso I”, exemplificado em (7). O “caso II”, por sua vez, agrupa as cantigas compostas apenas por versos graves – exemplo em (8). Já as cantigas em que ocorre uma alternância de versos graves e agudos foram rotuladas como “caso III” – exemplo em (9).<sup>6</sup>

(7) Cantiga 241 (CBN 834)  
Pero da Ponte

Foi-s' o meu amigo d'aqui	(8)
na oste, por el-rei servir,	(8)
e nunca eu depois dormir	(8)
pudi, mais ben tenh'eu assi:	(8)
que, pois m'el tarda e non ven,	(8)
el rei o faz que mi-o deten.	(8)
E gran coita non perderei	(8)
per ren, meos de o veer,	(8)
ca non á o meu cor lezer,	(8)
pero tanto de conort'ei:	(8)
que, pois m'el tarda e non ven,	(8)
el rei o faz que mi-o deten.	(8)
E ben se devia nembrar	(8)
das juras que m'enton jurou,	(8)
u m'el mui fremosa leixou,	(8)
mais, donas, podedes jurar	(8)
que, pois m'el tarda e non ven,	(8)
el rei o faz que mi-o deten.	(8)

(8) Cantiga 123 (CBN 690)  
D. João Soares Coelho

Ai, Deus a vó-lo digo:	(6)
foi s'or' o meu amigo:	(6)
e se o verei, velida !	(7)
Quen m'end'ora soubesse	(6)
verdad'e mi dissesse:	(6)
e se o verei, velida !	(7)
Foi-s'el mui sen meu grado	(6)
e non sei eu mandado:	(6)
e se o verei, velida !	(7)
Que fremosa que sejo,	(6)
morrendo con desejo:	(6)
e se o verei, velida !	(7)

(9) Cantiga 101 (CBN 666)  
D. Joan d'Avoin

Vistes, madre, quando meu amigo	(9)*
pôs que verria falar comigo ?	(9)*
oje dia cuidades que venha ?	(9)*
Vistes, u jurou que non ouvesse	(9)*
nunca de min ben, se non veesse ?	(9)*
oje dia cuidades que venha ?	(9)*
Viste'las juras que jurou enton,	(10)
que verria sen mort'ou sen prison ?	(10)
oje dia cuidades que venha ?	(9)*
Viste'las juras que jurou ali,	(10)
que verria, e jurou-as per mi:	(10)
oje dia cuidades que venha ?	(9)*

A distribuição quantitativa do total das cantigas do corpus nos três grupos acima é mostrada através da tabela 1:

Tabela 1. Classificação das cantigas quanto à pauta acentual da última palavra dos versos.

caso I: versos agudos	219	(43,54%)
caso II: versos graves	95	(18,89%)
caso III: versos graves/agudos	189	(37,57%)
TOTAL	503	(100%)

Embora predominem em muito no corpus, não é a análise das cantigas do “caso I” que pode fornecer pistas a respeito do pé básico do PA – porque, por serem os versos terminados apenas em oxítonas, não é possível observar a oposição entre versos graves e agudos. O mesmo ocorre em relação às cantigas do “caso II”. Porém, deve-se atentar para as cantigas do “caso III”, em que há alternância de versos graves e agudos. É justamente o fato de, neste grupo de cantigas, poderem co-ocorrer duas estratégias distintas de versificação que fornece essas pistas. A partir dessas estratégias de versificação, as cantigas do “caso III” podem ser divididas em três subtipos, rotulados como casos IIIa, IIIb e IIIc – como mostra a tabela 2. As cantigas do caso IIIc, entretanto, serão desconsideradas por ser impossível encaixá-las em qualquer uma das duas estratégias versificatórias adotadas pelos trovadores galego-portugueses.

Tabela 2. Subclassificação das cantigas do caso III:  
alternância de versos graves e agudos.

CASO	quantidade de cantigas	percentual em relação ao caso III	percentual em relação ao corpus
IIIa - as sílabas átonas de final de verso fazem parte da estrutura métrica do verso, isto é, são contadas.	86	(45.5%)	(17.01%)
IIIb - as sílabas átonas de final de verso são desconsideradas	48	(25.4%)	(9.54%)
IIIc - É impossível saber se o trovador considera ou não as átonas finais	55	(29.1%)	(10.93%)
TOTAL	189	(100%)	(37.57%)

Em (10), encontra-se um exemplo de cantiga do tipo IIIa, em que todas as sílabas, inclusive as átonas de final de verso, fazem parte da estrutura métrica do verso. Em outras palavras, neste grupo de cantigas, um verso agudo de  $n$  sílabas corresponde a um verso grave de  $n - 1$  sílabas<sup>7</sup> – fenômeno conhecido na literatura como *Lei de Mussafia*.

- (10) Cantiga 473 (CBN 1261)  
Lourenço, jogral

Ûa moça namorada	(7)*
dizia un cantar d'amor	(8)
e diss'ela: «Nostro Senhor,	(8)
oj'eu foss'aventurada	(7)*
que oiss'o meu amigo	(7)*
com'eu este cantar digo».	(7)*

A moça ben parecia (7)\*  
 e en sa voz manselinha (7)\*  
 cantou e diss'a menina: (7)\*  
 «Prouguess'a Santa Maria (7)\*  
 que oiss'o meu amigo (7)\*  
 com'eu este cantar digo». (7)\*

Cantava mui de coraçon (8)  
 e mui fremosa estava (7)\*  
 e disse, quando cantava: (7)\*  
 «Peç'eu a Deus por pediçon (8)  
 que oiss'o meu amigo (7)\*  
 com'eu este cantar digo». (7)\*

Por outro lado, nas cantigas do subtipo IIIb (exemplo em (11)), as sílabas átonas de final de verso são desconsideradas, não pertencendo à estrutura métrica do verso.

(11) Cantiga 110 (CBN 676)  
 D. Joan D'Avoin

Cavalgava noutro dia (7)  
 per o caminho francês (7)  
 e ùa pastor siia (7)  
 cantando com outras três (7)  
 pastores e non vos pês, (7)  
 e direi-vos toda via (7)  
 o que a pastor dizia (7)  
 aas outras en castigo: (7)  
 «Nunca molher crêa per amigo, (9)  
 pois s'o meu foi e non falou migo.» (9)

«Pastor, non dizedes nada,	(7)
diz ãa delas enton;	(7)
se se foi esta vegada,	(7)
ar verrá-s'outra sazón	(7)
e dirá-vos por que non	(7)
falou vosc', ai ben talhada,	(7)
e é cousa mais guisada	(7)
de dizerdes, com'eu digo:	(7)
«Deus, ora veess'o meu amigo	(9)
e averia gram prazer migo».	(9)

A partir do confronto destes dois procedimentos, duas primeiras hipóteses a respeito de qual seria o pé básico do acento do PA podem ser formuladas:

1. Uma mudança lingüística está em curso e a população, nesta época, é mista: uma parcela da população possui, como pé básico, o *troqueu moraico* (caso IIIa, em que as sílabas átonas de final de verso fazem parte da estrutura métrica do poema, pois o pé básico da língua prevê uma posição para esta sílaba final), enquanto que outra parcela, minoritária, adota o *iambo* como pé básico (caso IIIb, em que as átonas finais são desconsideradas, já que as sílabas átonas finais são extramétricas, quando contêm vogais desinenciais, e puladas no momento da construção dos pés). É esta diferenciação que faz com que haja duas maneiras de se fazer poesia (duas línguas diferentes – duas poesias diferentes).
2. A população como um todo optou, quanto ao ritmo, pelo mesmo pé básico (o *troqueu moraico*, pois somente ele dá conta das duas ocorrências); o que está sendo inovado é a maneira de poetar. Neste caso, a diferença no modo de trovar dos dois grupos consiste em diferentes escolhas para o nível prosódico de segmentação, para delimitar o verso.

O primeiro grupo (majoritário) elege o nível prosódico mais baixo, o do pé, e é por isto que as sílabas átonas de final de verso fazem parte da estrutura poética (todos os elementos do pé devem ser contados) – (12a). O outro grupo, por outro lado, escolheu um nível acima: as sílabas poéticas só podem ser contadas até a última tônica, ou seja, até a última sílaba que tiver uma projeção (x) no nível superior ao dos pés (o da palavra fonológica -  $\omega$ ) - (12b).

(12) a.

(x) (x .) (x) (x) (x) (x .) → nível de delimitação do verso ( $\Sigma$ )  
 $\sigma$   $\sigma$   $\sigma$   $\sigma$   $\sigma$   $\sigma$   $\sigma$   $\sigma$  → nível de segmentação e contagem ( $\sigma$ )  
 Hũ pa pa gay mui fre mo so

b.

(x) ( . x) (x) ( . x ) → nível de delimitação do verso ( $\omega$ )  
 (x) (x .) (x) (x) (x) (x .)  
 $\sigma$   $\sigma$   $\sigma$   $\sigma$   $\sigma$   $\sigma$   $\sigma$   $\sigma$  → nível de segmentação e contagem ( $\sigma$ )  
 Hũ pa pa gay mui fre mo so

O principal ponto de contato entre estas duas maneiras de trovar, que podem ser chamadas uma de conservadora e outra de inovadora, consiste em considerar, de uma maneira ou de outra, o isossilabismo dos versos. O segundo grupo (e parte do primeiro, o que reforça a hipótese da população não-mista) dá uma maior atenção à quantidade e à posição dos acentos nos versos.

Um outro argumento favorável à hipótese de que apenas a maneira de trovar desses dois grupos é diferente e não as escolhas paramétricas quanto ao ritmo consiste na constatação de que a maneira de versificar do grupo IIIb é a mesma usada posteriormente (Gil Vicente, Camões, etc. até os poetas de hoje em dia que compõem versos metrificados), ao passo que o pé básico da língua não mudou – continua a ser, desde o latim até os dias de hoje, o troqueu moraicó.

O principal argumento a favor da segunda hipótese e contrário à primeira é o fato de a maioria dos trovadores que não contam as sílabas átonas de final de verso em suas composições também compor versos à outra maneira (ou seja, considerando-as como parte integrante do verso), como mostra a tabela 3.

Tabela 3. Procedimentos versificatórios dos trovadores autores das cantigas do caso IIIb

Trovadores que utilizam apenas a estratégia de desconsiderar as sílabas átonas de final de verso	8	(26.67%)
Trovadores que utilizam as duas estratégias (considerar e desconsiderar as átonas de final de verso)	22	(73.33%)
TOTAL	30	(100%)

Ora, não é possível que um mesmo falante da língua possa ter dois valores diferentes relativos ao mesmo parâmetro. É impossível “ligar” um valor paramétrico e “desligar” outro, de acordo com a situação. Sendo assim, a única conclusão possível é que a população dos falantes de PA possui como único pé básico o *troqueu moraico* e que há duas maneiras co-ocorrentes de se utilizar esta língua para compor versos.

A partir desta constatação, e adotando a estratégia de focalizar as palavras que aparecem no fim de cada verso (pois são, com certeza, portadoras do acento principal do verso), obtém-se a seguinte lista das escolhas paramétricas quanto ao ritmo, efetuadas pelo PA:

- (13) PÉ BÁSICO: troqueu moraico
1. Quantidade de sílabas por pé: binário.
  2. Dominância: à esquerda.
  3. Sensibilidade à quantidade silábica: sim.

4. Direcionalidade: da direita para a esquerda.
5. Regra Final: à direita.
6. Extrametricidade:
  - a. constituinte: segmentos;
  - b. borda: direita.
7. Pés degenerados: proibição fraca (permitidos quando nenhum pé canônico puder ser construído).
8. Quantidade silábica: elementos da rima.
9. Iteratividade: os pés são construídos não-iterativamente.

A regra de acento obtida a partir das escolhas explicitadas em (13) dá conta do padrão acentual de todos os nomes e itens lexicais de estrutura similar em PA – exemplos em (14):

(14)	( x ) ( x ) gra do ∪ ∪	( x ) ( x ) a mor ∪ —	( x ) ( x ) por tu gal — ∪ —	RF
	( x ) ( x ) en ton — —	( x ) ( x ) a ssaz ∪ —	( x ) ( x ) uir geu — —	RF

Em relação aos verbos do PA, as escolhas paramétricas quanto ao ritmo são as mesmas; entretanto, as formas verbais estão sujeitas à aplicação da regra de extrametricidade em (15), que não se aplica aos não-verbos.

- (15) Extrametricidade nos verbos:  
Marque como extramétrica a coda final que porte elemento com status de flexão, ou seja, {N, S}.

Quanto ao domínio do acento em PA, o fato de a localização do acento não se alterar quando à palavra são adjungidos clíticos ou quando ocorre elisão fornece evidências a favor do nível da *palavra*.

Comparando-se as listas das escolhas paramétricas quanto ao ritmo do latim, do PA e do PB (apresentadas, respectivamente, em (1), (4) e (13)), conclui-se que não houve grandes mudanças na regra de atribuição do acento, do latim até os dias de hoje. Podem ser observadas apenas algumas modificações quanto ao valor do parâmetro do constituinte extramétrico, que, na verdade, são reflexo de uma mudança maior, envolvendo não a parametrização do ritmo em si, mas o momento de aplicação da regra de acentuação estabelecida pelas escolhas paramétricas efetuadas pela língua. Entretanto, a observação das alterações no valor do parâmetro do constituinte extramétrico ao longo do tempo fornece pistas de como a alteração do domínio e do momento de aplicação da regra do acento do português se deu.

No latim, somente sílabas podem ser consideradas extramétricas; a regra de extrametricidade é, de fato, bastante simples: é extramétrica a última sílaba de cada palavra. Tal regra se aplica pós-lexicalmente sem exceções e sem qualquer tipo de condicionamento morfológico.

Na passagem do latim clássico ao vulgar, a perda das distinções quantitativas, ao lado dos processos de redução (que se aplicavam desde sempre no latim e até os dias de hoje) do tipo *kalido* → *kaldo*, *amare* → *amar*, provoca uma alteração na forma de base de muitas palavras, fator desencadeador da mudança observada na sua estrutura métrica. Está justamente na reanálise, no sentido langackeriano do termo (Langacker, 1977: 58), das formas

de base das palavras que sofrem este tipo de processos de redução, a origem da mudança lingüística que faz com que o PA, posteriormente, não considere qualquer constituinte extramétrico, em relação aos nomes. A dupla interpretação gramatical da manifestação superficial desse tipo de dado (que faz parte da experiência desencadeadora do aprendiz da língua), como mostra (16), é a responsável pela modificação de valor quanto ao constituinte extramétrico, na passagem do latim ao PA:

(16) a. extrametricidade da última sílaba:

(x     )	( x     )	forma de base: [kald][o]/[am][a][re]
(x .)	(x)	output do léxico: kalido/amare
ka li <do>	a mã <re>	realização fonética: kaldo/amar
∪ ∪ ∪	∪ — ∪	

b. nenhuma sílaba extramétrica:

(x     )	( x     )	forma de base: [kald][o]/[am][a][r]
(x)	(x)	output do léxico: kaldo/amar
kal do	a mar	realização fonética: kaldo/amar
— ∪	∪ —	

Entretanto, quanto ao ritmo, apenas a modificação no comportamento da extrametricidade em relação aos nomes não explica o movimento que faz a regra de acentuação, historicamente falando. Neste sentido, o caso dos verbos é bastante esclarecedor. Observe-se o exemplo em (17), cuja forma superficial também possui duas interpretações possíveis dentro da gramática:

(17)	( x     )	( x     )
	(x)	(x .)
	can ta <mus>	can ta mu<s>
	— — —	— ∪ ∪

O exemplo acima mostra como a chamada perda das distinções quantitativas entre vogais, ainda no latim, interferiu na mudança verificada posteriormente na aplicação da regra de acento. Por causa da perda das distinções entre vogais – e conseqüente alteração da quantidade das sílabas terminadas em vogais outrora longas –, e da chamada “lei da persistência da tônica” (Coutinho, 1954: 138), que prediz que, na grande maioria das vezes, a sílaba que portava o acento em latim continua a portá-lo em português, ajustes na noção de extrametricidade são necessários para dar conta do padrão acentual dos verbos, em PA. A partir daí, e em oposição ao padrão dos não-verbos (em que a extrametricidade não se aplica), um condicionamento morfológico pode ser estabelecido na aplicação da extrametricidade (a regra de extrametricidade em PA, apresentada em (15), aplica-se apenas a verbos). Ora, uma regra de tal natureza não é passível de ser aplicada no módulo pós-lexical, dado o seu condicionamento morfológico. Desta forma, o aprendiz da língua, no momento da aquisição, é levado a interpretar o acento como um fenômeno *lexical* – o que, por sua vez, altera automaticamente o domínio de aplicação da acentuação: o domínio de regras lexicais nunca é maior do que a palavra.

Como as formas superficiais resultantes das escolhas paramétricas relativas às duas interpretações possíveis são semelhantes, nada impede que uma população mista quanto à escolha dos parâmetros rítmicos conviva, até que um dos conjuntos de escolhas venha a suplantar o outro. A este respeito, a conjugação dos dois fatores discutidos anteriormente, indeterminância quanto à forma de base de certas palavras e quanto ao valor do parâmetro da extrametricidade e alteração na quantidade das sílabas outrora terminadas em vogal longa, favorece a preferência pela interpretação inovadora, que separa a acentuação dos não-verbos da dos verbos, através da aplicação da extrametricidade, morfológicamente condicionada, somente aos últimos, uma vez que a gramática antiga não mais dá conta da acentuação das formas verbais semelhantes à do exemplo (17), após as alterações de quantidade sofridas pela língua, que, desta

forma, forçam a ocorrência da mudança. E é o que de fato acontece, já que o PA apresenta, como padrão do ritmo e como domínio de aplicação da regra de acento, a concepção da interpretação aqui denominada de inovadora das formas do latim.

Na visão de trabalhos bastante recentes de Fonologia Lexical diacrônica (Hayes, 1990: 105 e Kaisse, 1993: 344), este movimento de alçamento da regra de acento ao longo da história do português corresponde ao movimento natural da história das regras fonológicas, de maneira geral, desde a sua criação até o seu desaparecimento.

A confirmação de que a regra de acento, em português, está percorrendo este movimento natural vem do comportamento da extrametricidade no PB atual. Logo à primeira vista, pode-se constatar que o comportamento da extrametricidade no PB é muito mais complexo do que em latim e no PA, através do valor duplo do parâmetro do constituinte extramétrico: tanto sílabas (como era em latim) quanto segmentos (como em PA) podem ser extramétricos.

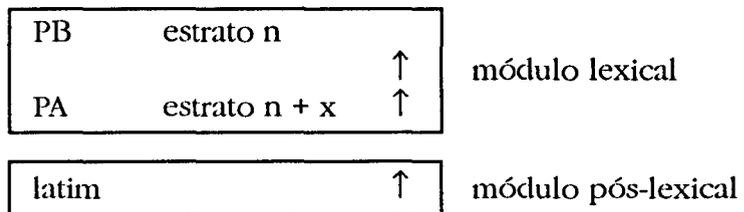
O incremento na aplicação da extrametricidade, do PA ao PB, deve-se, em grande parte, à introdução, por empréstimo, de muitas exceções à regra “default” de acentuação. A maior parte dessas exceções foi introduzida na época do Renascimento, por volta do século XVI, e constitui-se de termos eruditos, proparoxítonos e paroxítonos, emprestados diretamente do latim clássico. Tais exceções foram regularizadas posteriormente pela língua, através da aplicação de regras de extrametricidade (morfologicamente condicionadas ou não), que, dependendo do caso, considera extramétrica a última sílaba ou o último segmento da palavra. No PB, com o início da colonização e da escravatura no Brasil, foram introduzidas palavras de origem indígena e africana, também exceções à regra “default” (oxítonas terminadas em vogal – sílaba aberta). Tais exceções foram posteriormente regularizadas pela língua através da consideração desta sílaba acentuada como pesada. Mais recentemente, outras palavras emprestadas (principalmente do inglês) têm desafiado a gramática portuguesa, que sempre as tem incorporado à regra geral de acentuação através da aplicação da extrametricidade. É o caso das

palavras paroxítonas terminadas em “R”, “regularizadas” através da extrametricidade desta consoante final.

Já em relação aos verbos, a extrametricidade, como em PA, é sempre morfológicamente condicionada em PB; entretanto, além da regra de extrametricidade já presente em PA (a que estabelece a extrametricidade da coda em final de palavra que porte elemento com status de flexão), o PB incorporou mais uma, para dar conta das exceções à regra geral, que os filólogos consideram originadas por analogia às formas das primeiras pessoas do singular (ex.: *amávamos, amáveis, amáramos, amáveis, amássemos, amásseis*): a que considera extramétrico o morfema número-pessoal das duas primeiras pessoas do plural nos tempos Imperfeito do Indicativo e Subjuntivo e Mais-que-Perfeito do Indicativo.

O alçamento da regra de atribuição do acento em português, ao longo do tempo, do módulo pós-lexical ao lexical, e seu aprofundamento dentro deste (pode-se dizer que, no PB, a atribuição do acento se dá em um nível mais profundo do léxico do que ocorria em PA porque, quanto maior o número de exceções, mais profunda no léxico é a aplicação de uma regra) podem ser esquematizados como em (18):

(18)



A conclusão a que se pode chegar a partir do movimento de alçamento da regra de acento do português do módulo pós-lexical ao lexical, historicamente, é que nem toda mudança fonológica envolve a troca de valor de um parâmetro. No caso, a mudança observada no português não pode ser considerada paramétrica, já

que quase todos os valores dos parâmetros do ritmo se mantêm (com exceção do valor do parâmetro do constituinte extramétrico; a mudança do seu valor, entretanto, é consequência de uma reanálise anterior, e não causa da principal mudança observada na acentuação do PA): o que se altera é o domínio de aplicação da regra (grupo clítico, no latim, e palavra, em PA e PB); altera-se, também (e principalmente), o módulo de aplicação desta regra (de pós-lexical a lexical).

## NOTAS

\* Este artigo é um resumo das idéias apresentadas na tese de doutorado *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*, defendida na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 24 de agosto de 1995, financiada pelo CNPq (processos 840257/91-0 e 143612/91-3).

<sup>1</sup> Como mostram os trabalhos de Halle & Keyser (1971), Maling (1973), Verluyten (1982), Youmans (1989), Prince (1989), Halle (1989), Hayes (1989) e Kiparsky (1989), a escolha de textos poéticos para estudar fenômenos prosódicos (e, em especial o acento) de uma língua, inclusive e principalmente em seus estágios passados, já se provou adequada e eficaz, sobretudo quando se toma a descrição em um nível “mais abstrato” (fonológico, e não fonético - cf. Verluyten, 1982: 36-37).

<sup>2</sup> A “tradução” de Hayes da regra de acento latina para a terminologia fonológica atual estabelece os valores de todos os parâmetros do ritmo latino, exceto o da ocorrência de pés degenerados. A este respeito, ver Massini-Cagliari (1995: 118-119).

<sup>3</sup> A este respeito, ver Nespor & Vogel (1986: 115) e Faria (1970: 140).

<sup>4</sup> Entre as palavras enclíticas que causariam este efeito, Niedermann cita *-que, -ve, -ne, -ce, -met: viriñque, armáque, muliérve, aliáve, legísne, hujúsce, ipsémet*.

<sup>5</sup> Por outro lado, Allen (1973: 159) acredita que a regra dos enclíticos proposta por estudiosos como Havet e Niedermann, com base em testemunhos de gramáticos latinos, consiste simplesmente em um exemplo de “imitação”, por parte destes gramáticos, dos modelos gregos. Acrescenta que as evidências providas da análise dos versos latinos apontam fortemente contra uma generalização deste tipo.

<sup>6</sup> O algarismo entre parênteses, no final de cada verso, corresponde à quantidade de sílabas poéticas do verso. O asterisco depois do parêntese, quando ocorre, indica que o verso em questão (sempre grave) tem uma sílaba poética a menos do que os outros versos (agudos) da cantiga. Todos os exemplos são apresentados na versão de Nunes (1973).

<sup>7</sup> Pelo sistema de contagem de sílabas poéticas da época, que difere do atual apenas por não elidir na mesma sílaba duas vogais seguidas, que, a não ser nos casos excepcionais marcados pela supressão de uma das vogais, contam como duas sílabas separadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, Marianne Patalino. *Null Subjects in Old French*. Tese de doutorado. Los Angeles: UCLA, 1987.
- ALLEN, W. Sidney. *Accent and Rhythm - Prosodic Features of Latin and Greek: a study in theory and reconstruction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- ALVARENGA, Daniel. *Variations orthographiques, temps d'identification et apprentissage de la langue écrite portugaise: une approche phono-cognitive*. Thèse de Doctorat Nouveau Régime. Université de Paris VIII, 1993.
- d'ANDRADE, Ernesto & LAKS, Bernard. *Na crista da onda: o acento de palavra em português*. ms. Universidade de Lisboa/CNRS - Paris, 1991.
- BISOL, Leda. O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: UNICAMP, 1992(a). (22): 69-80.
- \_\_\_\_\_. *O acento: duas alternativas de análise*. ms. 1992(b).
- CARVALHO, Joaquim Brandão de. Phonological conditions on Portuguese clitic placement: on syntactic evidence for stress and rhythmical patterns. *Linguistics* 27: 405-436. 1989.
- CLARK, Robin & ROBERTS, Ian. A computational model of language learnability and language change. *D.E.L.T.A.* São Paulo: ABRALIN/PUC-SP, 1992. vol. 8, nº especial, 53-103.
- COSTA, Iara Bemquerer. *O acento em português: estudo de algumas mudanças no modelo da fonologia gerativa*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/ UNICAMP, 1978.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 3ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1954.

- DEVOTO, Giacomo. *Storia della lingua di Roma*. Segunda ristampa. Bologna: Licinio Cappelli Editore, 1944.
- DUARTE, Yara C. M. de Ávila. *As regras de atribuição do acento primário em língua portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 1977.
- DURAND, Jacques. *Generative and Non-linear Phonology*. London: Longman, 1990.
- FARIA, Ernesto. *Fonética Histórica do Latim*. 2ª edição (2ª impressão). Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- GOLDSMITH, John A. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- GRANDGENT, Charles H. *From Latin to Italian - A historical outline of the phonology and morphology of the Italian language*. Cambridge: Harvard University Press, 1940.
- HALLE, Morris. Addendum to Prince's "Metrical Forms". IN Kiparsky, P. & G. Youmans (eds.) *Phonetics and Phonology. Volume 1: Rhythm and Meter*. Academic Press, 1989. p.81-86.
- HALLE, M. & KEYSER, S. J. *English Stress: its form, its growth, and its role in verse*. New York: Harper & Row, 1971.
- HALLE, Morris & VERGNAUD, Jean-Roger. *An Essay on Stress*. Cambridge, Ma.: MIT Press, 1987.
- HARAGUCHI, Shosuke. *A theory of Stress and Accent*. Dordrecht: Foris Publications, 1991.
- HAVET, Louis. *Cours élémentaire de métrique grecque et latine*. 8<sup>e</sup> édition. Paris: Librairie Delagrave, 1935.
- HAYES, Bruce. Extrametricality and English Stress. *Linguistic Inquiry* 13, 1982, p.227-276.
- \_\_\_\_\_. *A metrical Theory of Stress Rules*. New York/London: Garland Publishing, 1985. – mesma versão distribuída em 1981 pelo Indiana University Linguistics Club.
- \_\_\_\_\_. The prosodic hierarchy in meter. IN Kiparsky, P. & G. Youmans (eds.) *Phonetics and Phonology. Volume 1: Rhythm and Meter*. Academic Press, 1989. p.201-260.
- \_\_\_\_\_. Precompiled Phrasal Phonology. IN Inkelas, S. & D. Zec (eds.) *The Phonology-Syntax Connection*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1990. p.85-108.
- \_\_\_\_\_. *Metrical Stress Theory - Principles and Case Studies*. UCLA (draft). 1991.
- Ilari, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.

- KAGER, René. *A metrical theory of stress and destressing in English and Dutch*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.
- KAISSE, Ellen M. Rule reordering and rule generalization in Lexical Phonology: a reconsideration. *Phonetics and Phonology. Volume 4*. Academic Press, 1993. p.343-363.
- KATO, Mary Aizawa. Apresentação - "Como, o que e por que escavar?" IN Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. pp.13-30.
- \_\_\_\_\_. *Português Brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística*. Apresentado no Congresso Internacional sobre o Português. Lisboa, 1994.
- KIPARSKY, Paul. From cyclic phonology to lexical phonology. IN H. van der Hulst & N. Smith (eds.) *The structure of Phonological Representations (Part I)*. Dordrecht: Foris Publications, 1982.
- \_\_\_\_\_. Sprung Rhythm. IN Kiparsky, P. & G. Youmans (eds.) *Phonetics and Phonology. Volume 1: Rhythm and Meter*. Academic Press, 1989. p.305-340.
- LANGACKER, R. W. Syntactic Reanalysis. in Li, C. N. (org.) *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin: University of Texas Press, 1977. p.57-139.
- LEE, Seung-Hwa. A regra de acento do português: outra alternativa. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 29, nº 4, p.37-42, dezembro de 1994.
- LEITE, Yonne F. *Portuguese Stress and Related Rules*. Tese de Doutorado, Austin: Universidade do Texas, 1974.
- LIBERMAN, M. & PRINCE, A. S. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry* 8, 1977. p.249-336.
- LIGHTFOOT, David W. *Principles of Diachronic Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- \_\_\_\_\_. The History of Noun Phrase Movement. IN Baker, C. L. & J. McCarthy (eds.) *The logical problem of language acquisition*. MIT Press, 1981. p.86-119.
- \_\_\_\_\_. *The language lottery: toward a biology of grammars*. Cambridge, MA.: MIT Press, 1982.
- \_\_\_\_\_. Modeling language change: ontogenetic and philogenetic. ms. 1987.
- \_\_\_\_\_. Syntactic change. IN Newmeyer, F. (ed.) *Linguistics: The Cambridge Survey*. vol I: *Linguistic Theory: Foundations*. Cambridge: VP, 1988. p.303-323.
- \_\_\_\_\_. *Obsolescence and Universal Grammar*. ms. 1989.
- \_\_\_\_\_. *How to set parameters: arguments from language change*. MIT Press, 1991.

- LINDSAY, W. M. *A Short Historical Latin Grammar*. Second edition, reprinted. Oxford: Clarendon Press, 1937. 1st edition: 1895.
- MAIA, Eleonora da Motta. *Phonological and Lexical Processes in a Generative Grammar of Portuguese*. Tese de Doutorado. Brown University, 1981.
- MALING, Joan M. *The Theory of Classical Arabic Metrics*. Ph.D. Thesis. Department of Linguistics and Philosophy. Massachusetts Institute of Technology, 1973. Distributed by: MIT Working Papers in Linguistics.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP, agosto de 1995.
- MATEUS, Maria Helena Mira. *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. 2ª edição. Lisboa: INIC, 1982. 1ª edição: 1975.
- \_\_\_\_\_. O acento de palavra em português: uma nova proposta. *Boletim de Filologia*. Tomo XXVIII. Lisboa: Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 1983. p.211-229.
- MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 15ª edição. Petrópolis: Vozes, 1985. 1ª edição: 1970.
- MEILLET, A. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. Troisième édition révisée et augmentée. Paris: Librairie Hachette, 1933.
- MOHANAN, K. P. *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.
- MONTESINOS ABELLÁN, José. *Gramática Histórica Latino-Española*. Cadiz: Escelicer, s/d.
- NESPOR, Marina & VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- NIEDERMANN, Max. *Précis de Phonétique Historique du Latin*. Quatrième édition revue et augmentée. Paris: Klincksieck, 1953.
- NUNES, José Joaquim. *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1973. 1ª edição: 1926/1929.
- PRINCE, Allan S. Relating to the grid. *Linguistic Inquiry* 14, 1983. p.19-100.
- \_\_\_\_\_. Metrical Forms. in Kiparsky, P. & G. Youmans (eds.) *Phonetics and Phonology. Volume 1: Rhythm and Meter*. Academic Press, 1989. p.45-80.
- PULLEYBLANK, Douglas. *Tone in Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.
- RAMOS, Jânia. Mudança Sintática e Teoria Gramatical. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 20: 23-32. Campinas: IEL/UNICAMP, jan./jun. 1991.

- RAMOS, J. *Marcação de caso e mudança sintática no português do Brasil: uma abordagem gerativa e variacionista*. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP, 1992.
- ROBERTS, Ian. Posfácio - O Português Brasileiro no contexto das línguas românicas. IN Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. p.409-425.
- SELKIRK, Elisabeth O. *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Indiana: IULC, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Phonology and Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1984.
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- TARALLO, Fernando Luiz. Reflexões sobre o conceito de mudança lingüística. *Organon 18 - A variação no português do Brasil*. Organização: Leda Bisol. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991. vol. 5, nº 18, p.11-22.
- VERLUYTEN, Sylvain Paul Marcel. *Recherches sur la prosodie et la métrique du Français*. (Tese de Doutorado) Wilrijk, Universitaire Instelling Antwerpen, 1982.
- VISCH, Ellis. *A metrical theory of rhythmic stress phenomena*. Dordrecht: Foris Publications, 1990.
- WETZELS, W. Leo. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas: UNICAMP, jul./dez. 1992. vol. (23): 19-55.
- YOUMANS, Gilbert. Introduction: Rhythm and Meter. IN Kiparsky, P. & G. Youmans (eds.) *Phonetics and Phonology. Volume 1: Rhythm and Meter*. Academic Press, 1989. p.1-14.
- Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)*. Cod. 10991. Reprodução fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.